

Filho estuda mais que pai

■ Nova geração de adultos tem melhor nível educacional

SÔNIA JOIA

A maior parte dos chefes de família brasileiros – 57,9% – superou, em 1996, o nível educacional de seus pais. O esforço foi realizado pelas famílias com menor grau de instrução. Os chefes de família cujos pais cursaram até a terceira série do primeiro grau apresentaram a maior mobilidade social em termos educacionais: 68,4% conseguiram superar seus pais. Já no caso dos privilegiados, cujos pais já tinham curso superior, a tendência foi de mobilidade descendente: 55,2% ficaram imóveis e 44,8% não concluíram a faculdade.

Os dados fazem parte da pesquisa Mobilidade Social, suplemento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 96), divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram entrevistados 331.263 chefes de família em todo o país, com exceção das áreas rurais de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

É a primeira vez que a pesquisa Mobilidade Social, que não era realizada pelo IBGE desde 1988, trabalha os dados de educação por nível de instrução e não por anos de estudo. Segundo a técnica do IBGE responsável pela pesquisa, Márcia Segadas Vianna, isso permite uma visão mais correta do nível educacional da população, mas impede a comparação com os dados de 1988. “Antes, víamos apenas se uma pessoa tinha muitos anos de estudo, mas isso podia ocorrer porque ela repetiu

Mobilidade Educacional dos Chefes de Família

%

(em relação a seus pais)

Nível de instrução do pai	Imobilidade	Mobilidade ascendente	Mobilidade descendente
Nunca frequentaram escola			
e 1ª série do 1º grau incompleta	39,9	60,1	-
1ª e 3ª séries completas	19,8	68,4	11,8
4ª e 7ª séries completas	40,1	49,7	10,2
1º grau completo e 2º grau incompleto	14,4	56,5	29,1
2º grau completo e superior incompleto	41,5	35,0	23,5
Superior completo	55,2	-	44,8

Nota: Excluída a população da área rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.
Fonte: PNAD-1996/IBGE

várias séries”, explica.

Entre os chefes de família com pais analfabetos ou com primeira série incompleta, 60,1% melhoraram e 39,9% não avançaram com relação a seus pais. Entre as pessoas com pais analfabetos, 20,7% passaram a ser alfabetizadas. Os dados confirmam, segundo Segadas, a tendência de queda no analfabetismo do país.

A chamada mobilidade ascendente é maior entre as pessoas cujos pais cursaram até a 3ª série do primeiro grau: 68,4%, contra apenas 11,8% que não conseguiram alcançar os pais e 19,8% que ficaram imobilizados (mesmo nível dos pais). O número é bem superior à média geral: 57,9% melhoraram de posição, 34,1% ficaram imóveis e apenas 8% não conseguiram manter o nível educacional de seus pais.

Também subiram degraus na escala social – em termos de educação – a maior parte dos chefes de famílias cujos pais possuíam o primeiro grau completo e o segundo grau in-

completo: 56,5% deles conseguiram um nível de educação superior ao de seus pais. Mas neste caso, quase um terço – 29,1% – não conseguiu o mesmo nível de instrução de seus pais. Este foi o segundo grupo com mais alta mobilidade educacional descendente, logo atrás dos que vieram de famílias cujo chefe tinha curso superior.

A pesquisa também confirmou, segundo Segadas, a relação entre desenvolvimento econômico e mobilidade social. Embora os dados de mobilidade educacional tenham sido mais elevados no Nordeste (23,2% dos chefes de família superaram seus pais) do que no Sul (17,6%) –, ainda é muito grande a distância entre as regiões. No Sul, 72,1% dos chefes de família que não mudaram de posição são alfabetizados. No Sudeste, eles são 69,1% e no Centro-Oeste, 61,9%. No Nordeste, entretanto, apenas 39,1% dos que se mantiveram imóveis na escala social (69,3% do total) são alfabetizados.